

REVISTA DO MINHO

PARA O ESTUDO DAS TRADIÇÕES POPULARES

Dirigida por José da Silva Vieira

CANTOS POPULARES DA BEIRA BAIXA

Recolhidas por *A. Thomaz Pires*

(Continuação)

162

A salsa cresce por alto
A hortelã ao perto fica,
Não sei que amor é o teu
Que tanto me mortifica.

163

Deitei-me ao longo do rio
Amanheci orvalhado,
Lá vem o sol com seus raios
Enxugar quem 'stá molhado.

164

Eu não sei que mal te eu fiz,
Eu não sei que mal te faço,
Que te tiras da janella
Quando pela rua passo.

165

Mal haja quem augmentou
N'esta rua haver janellas,
Um bocado de pau preto
Encobrir caras tão bellas.

166

Eu defronte, vós á vista,
Eu morro, vós me mataes,
Da-me um aceno com os olhos
Já que não pode ser mais.

167

Eu defronte, e vós á vista,
Nem eu vejo, nem me vedes,
Mal o hajam os pedreiros
Que fizeram as paredes.

168

Meu colletinho de linho
Talhado com perfeição,
Quem me dera a dona d'elle
Tel-a segura na mão.

169

Meu colletinho de linho
Talhadinho á peralta,
Quem me dera a Dona d'elle
Panno de linho não falta.

170

O' falsa, tres vezes falsa,
Deixa-me chamar assim,
O' falsa, que me vendeste
Quanto te deram por mim?
Quanto te deram por mim
Conta-me lá o dinheiro,

Eu a ti não te vendia
Nem pelo mundo inteiro.

171

A um lindo deitar d'olho
Um doce aperto de mão,
Conserva-se uma amisade
Sem haver murmuração.

172

A oliveira pede oiro,
A azeitona pede prata,
Menina, dê os seus olhos
A quem por elles se mata.

173

O meu coração, menina,
Anda no vosso telhado,
Anda de telha em telha,
Se cahir, arrecada-o.

174

Chorar, não pude chorar,
Isso não é brio meu,
Mas sentir a sua ausencia
Isso ninguém mais do que eu.

175

Toda a vida trouxe e trago
Fita verde no chapeu,
Agora trago cilícios,
Para ver se ganho o ceu.

176

Tenho dentro do meu peito
O que eu não quero dizer,
Um bocadinho de amor
Que me faz endoidecer.

177

Deitei o cravo no poço,
A rosa no chafariz,
O meu coração e o teu
Já vão criando raiz.

178

Aqui tens este raminho,
Atado com linha branca,
Não o quiz atar com seda,
Que a linha branca é esperança.

179

Murmurae, murmuradeiras,
Murmurae todas de mim,
Que Deus vos dará por castigo
Uma pena sem ter fim.

180

Murmurae, murmuradeiras
Emcheivos de murmurar,
Mettei a alma no inferno
Que eu vol-a irei tirar

181
Aqui tem este raminho
Colhido pelo meio dia,
Logo foi destinado
Para vossa senhoria.

182
Cravo roxo em teu peito,
Que sepultura tão rica!
Quem morre nesses tem braços
Não morre, que reuscita.

183
A' tua porta estou morto
Trata de me ir enterrar,
Na tua mão 'stava a vida
Se tu m'a quizesse dar.

184
Ai lari, la ri, lo lóla
Ai lari lò lò, mou bem,
Estava varia quando disse:
Sem amores passo bem.

185
Casa comigo, ó prima,
Tu não és mais que mim,
Se tu és a perola fina
Eu sou flor do jasmim.

186
O meu amor e o teu
Andam ambos na ribeira,
Um colhe da herva cidra,
Outro da herva cidreira.

187
O' que janellas tão altas
Rodeadas de tigellas,
Quem lá tiver o amor
Hade comer caldo n'ellas.

188
O sol prometteu á lua,
As estrellas ao luar,
O meu coração ao teu
Para nunca se apartar.

189
O' minha tia Maria
Dê-me a sua Marianna,
E' um regalo na vida
Dormir com ella na cama.

190
Janellas avarandadas
Só o meu amor as tem,
Se eu tivesse bem dinheiro
Eu as tivera tambem.

191
Coração não vivas triste,
Vive alegre, se poderes,
Eu bem quizera andar triste
Mas isso de que me serve.

192
Fui á fonte, á fonte nova
Não achei, fui ao Salgueiro,

Menina guarde o seu brio
Para mim, que sou solteiro.
193
A silva que nasce em casa
Vai beber à cantareira,
A moça que é bem casada
Sempre parece solteira.

194
No ceu anda uma estrella
Que se parece contigo,
O dia que te não vejo
A estrella é o meu allivio.

195
Estrellas do ceu vinde abaixo,
Vinde jurar a verdade,
Se me *vistens* algum dia,
Com as freirinhas á grade.

196
Fui á fonte, á fonte nova
Na casca da melancia,
Não bebi, nem trouxe a agua,
Nem fallei com quem eu q'ria.

197
As grades do Limocero
São vinte, que eu as contei,
Por causa de uma menina
Aos ferros d'el-rei cheguei.

198
Tendes garganta de neve,
Nella se pode escrever,
O' quem fora estudantinho
Que n'ella aprendera a ler.

199
O' ares da minha terra,
Vinde para mim, levar-me,
Os ares da terra alheia
Não fazem senão matar-me.

200
Caminho da Fonte Nova
Ja de mim não és seguido,
Já se seccou a roscira
Em quem eu trazia o sentido.

201
Está o ceo *enevoado*
Tem um *quelaro* no meio;
Não é muito de quem ama
A' noite dar o seu passeio.

202
Com pena pego na penna,
Com pennas tudo se nota
Tambem as vezes com pena
So escrevo uma má resposta.

203
O carrasco é desterro,
O seu fructo é a bolota,
Eu bem desterrado ando,
Menina, da sua porta.

204

Chorae olhos, chorae olhos,
Que bem tendes que chorar,
Chorae o bem que *perdesteis*
Que o não tornaes a achar.
205

O' penas, não vindes tantas
Que não quer meu coração,
Vinde de poucas a poucas,
Dar logar as que cá estão.
206

Canta comigo, meu primo,
Não és mais, nem ficas menos,
Se és mais em gravidade
O sangue pezal-o-homos.
207

O' minha descoradinha
Que roubaste a côr ao leite,
Olha lá na tua cama
Se ha logar onde me deite.
208

Minha mãe metteu-me á noite
Debaixo d'um pucarinho,
Veio o gato e levou-me
Julgando que era toicinho.
209

Os sete estrellos cahiram
No adro de Penedono,
Eu acho que é loucura
Amar a quem já tem dono.
210

Por esta rua corre agua,
Pela outra corre vinho,
Pela outra corre sangue
Do meu amor, coitadinho.
211

Não me namorei de ti,
Nem da tua formosura,
Namorei-me do asseio
Que trazeis pela rua.
212

Não me namorei de ti,
Nem da tua branquidão,
Namorei-me dos teus olhos,
Que tão fagueirinhos são.
213

A luz d'aquella candeia
Tem mil cravas no morrão,
Tambem eu tenho mil penas
Dentro do meu coração.
214

Nunca vi figueira preta
Dar figo na raiz,
Nunca vi moça de padre
Ser bem feita do nariz.
215

Nunca vi figueira preta
Dar figo na raiz,
Nunca vi moça de padre

Servir de vara de juiz.
216

Não me mandeis á segada,
Que eu não sei correr o eito,
Mandai-me fallar de amor,
Para isso tenho geito.
217

A modinha da segada
E' uma modinha alegre,
Ella mesmo vai dizendo
Quem te espalha, que te cegue.
218

Tenho defronte a quem amo,
Não quero mais nesta vida,
Que ser amada d'um anjo
E d'um seraphim querida.
219

Eu bem vi' estar a tyranna
Na praça a vender sardinha;
Diacho da porcalthôna
Come a carne e vende a espinha.
220

Atirei com balas de ouro
D'alem do mar ao Brazil,
Quem por mim perdia o somno
Já pode agora dormir.
221

Eu casei-me hontem á noite,
Minha sogra não tem pão,
Doi-me a barriga com fome,
O' que dôr do coração.
222

A tyranna tem tres filhas
Todas tres por baptisar,
A mais velha d'ellas todas
Tyranna se hade chamar.
Murtinheira

Linda murtinheira,
Meu bem, vergamota,
Herua que mais cheira,
Meu bem.
223

Os meus primeiros amores
De todo já me esqueceram,
Faça de conta que foram
Folhas de papel que arderam.
224

Heide comprar um pau preto
Para uma lançadeira,
Já que eu tive a ventura
De ter o amor tecedeira.
225

Deitei a laranja ao ar
Cahiu n'um tanque de neve,
Menina, se busca amores,
Aqui está um que lhe serve.
226

Deitei a laranja ao ar,

Ao ar, e cahiu na areia,
Sou leal a quem me ama,
E todo o mundo me falseia.
227

O meu amor é de nó,
E o teu é de laçada,
O de nó é mais seguro
Que a laçada quebrada.
228

Deitei azeite no mar,
Aguardente na candeia,
Quem muito juiso tem
Por tempo tamdem vareia.
229

Eu bem vi nascer o sol
Eu bem o vi arraiar,
Eu bem vi uma menina
Pelo seu amor chorar.
230

Quem diz que a villa de Méda
Que não prende corações,
Lá ficou o meu preso
Atado com dois listrões.
231

Barbaqueiro bota cá a barca
Bota cá essa maior,
Quero ir p'r' alem do Douro
Antes de nascer o sol.
232

Barbaqueiro bota cá a barca
Bota cá essa do meio,
Quero ir p'r' alem do Douro
Mas eu não trouxe dinheiro.
233

Senhora Dona Thereza
Tem vinte cinco leuques,
Que lh'os deu o *Falta d'ar*
Na loira dos caracões.
234

O' Maria Paula,
Olha a Candidinha
Que se foi embora
E eu fiquei sósinha.
235

Fui-me a confessar e disse
Com o amor andei brincando,
Por penitencia me deram
Que fosse continuando.
236

O sol anda e dezanda,
Dá voltas até se pôr
Eu não ando nem dezando,
Sou leal ao meu amor.
237

A açucena c'o pé n'agua
Está verde quarenta dias,
Eu sem ti nem uma hora,
Que fará annos e dias.

238

O'minha açucena branca,
Meu pecegueiro molar,
Sempre foste e has de ser
Amor da minha vontade.
239

Trazeis o chapéu baixinho,
Mandae-o arredondar,
Que debaixo d'elles andam
Dois olhos a namorar.
240

Azeitona miudinha
Tambem entra no lagar,
Estes rapazes de agora
De nada se vão gabar.
241

Eu fui a que accendi lume
N'uma chaminé doirada,
Eu fui a que reparti,
D'amores, fiquei sem nada.
242

Eu fui a que accendi lume
Numa chaminé de vidro,
Eu fui a que reparti,
D'amores, para contigo.
243

Os meus primeiros amores
Entreguei-os a Jezus,
Estes que agora tenho
A' Virgem do pé da Cruz.
244

Os meus primeiros amores
Entreguei-os ao diabo,
Estes que agora tenho
A mãe Deus do Rosario.
245

A azeitona antes que è preta
Tambem tem seu parecer
Em bons pannos cabe a nodos
Isso pouco tom que ver.
246

Eu sou cravo, tu és rosa,
Qual de nós se estima mais
O cravo está nas janellas,
A rosa está nos quintaes.
247

Fui ao semitorio santo
E sem susto algum entrei,
Adorei a sepultura,
Olhos ao ceu levantei.
248

Manoel, Manoelzinho,
Cara linda sem signacs,
Esta seja a sepultura
Onde se enterrem meus ais.

(Continúa)